



# A questão da *parrhesia* no pensamento de Michel Foucault, Pierre Hadot e Martha Nussbaum

*The question of parrhesia in Michel Foucault's, Pierre Hadot's and Martha Nussbauns's thought*

**Vera Portocarrero**

Doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), professora titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), pesquisadora do Prociência (FAPERJ), Rio de Janeiro, RJ - Brasil, e-mail: veraport@superig.com.br

---

## **Resumo**

O objetivo deste artigo é apresentar apenas algumas noções que contribuem para uma análise da relevância atribuída, a partir do final do século XX, à questão da *parrhesia* em sua relação com o cuidado de si no pensamento de Pierre Hadot, Martha Nussbaum e Michel Foucault. Enquanto Hadot a dilui em análises daquilo que denomina exercícios espirituais, por meio da concepção de filosofia como modo de vida, Nussbaum a integra à noção de argumento terapêutico, concentrando-a em um capítulo dedicado ao método terapêutico epicurista. Já Foucault amplia, em seu pensamento tardio, a investigação do uso da *parrhesia*, considerando-a uma das técnicas fundamentais das práticas de si da Antiguidade. Ele a conceitua, busca sua genealogia política (democracia) e explicita sua extensão ao campo da ética, tomando-a como base para uma crítica da forma moderna

de relação entre verdade, poder, sujeito e liberdade. Para tanto, especifica retrospectivamente toda a trajetória de sua própria obra, bem como seus deslocamentos teóricos em relação ao pensamento filosófico contemporâneo. Apesar das importantes variações de amplitude, diferenças e contraposições atribuídas por esses três filósofos à noção de *parrhesia*, suas pesquisas constituem um eixo temático que circunscreve uma importante preocupação filosófica contemporânea e permite traçar um domínio de pensamento, estabelecido, por um lado, por meio do problema foucaultiano do contrapoder, da resistência, do governo de si e dos outros; por outro lado, por meio da questão de Nussbaum acerca do argumento terapêutico.

**Palavras-chave:** Dizer-verdadeiro. Exercícios espirituais. Argumento terapêutico. Pensamento contemporâneo. Resistência e liberdade.

### **Abstract**

*The aim of this article is to present only some notions that contributes to an analysis of the importance due to the question of parrhesia, since the end of twentieth century, when it is concerned with the care of the self in Hadot's, Nussbaum's and Foucault's thought. While Hadot briefly includes it in his analysis of spiritual exercises and of the conception of philosophy as way of life, Nussbaum integrates it into the notion of therapeutic argument, concentrated in a chapter about epicurean therapeutic method. Foucault amplifies it, considering the use of parrhesia one of the most fundamental techniques of the self of the Antiquity. He explains this concept, searches it's political genealogy (democracy) and its extension into the field of ethics, considering it as a basis to a criticism of the modern way of the relationship among truth, power, subject and liberty. In order to do this, he specifies, synthetically, the entire trajectory of his oeuvre and its theoretical displacements in regard to contemporary thought. Although the important variations of amplitude, the differences and counterpositions due to parrhesia by these three philosophers, their researches compose a thematic axe which circumscribes an important philosophical worry, which constitutes a domain of thought by means of the foucaultian problem of counter-power, resistance, government of oneself and of others, in one hand, and, in another, by means of the Nussbaum's question of therapeutic argument.*

**Keywords:** Frank speech. Spiritual exercises. Therapeutic arguments. Contemporary thought. Resistance and liberty.

## Introdução

Ao ser analisada como uma forma fundamental do cuidado de si, a concepção de *parrhesia* como experiência do dizer-verdadeiro ganha relevância, a partir do final do século XX, em investigações filosóficas que se dirigem ao pensamento greco-romano. É o caso do trabalho desenvolvido na arqueogenealogia da ética ou genealogia do presente, proposta por Michel Foucault, em seu pensamento tardio; é o caso, também, das pesquisas de história da filosofia realizadas por Pierre Hadot (2002, p. 289-304), em que prevalece um pensamento para o qual filosofia é fundamentalmente modo de vida; é o caso, ainda, das análises de Martha Nussbaum, que busca traçar a influência da teoria e da prática da ética helenística no desenvolvimento da história da filosofia moderna para elaboração de uma teoria da emoção.

Sua delimitação se estabelece em uma articulação entre formas de discurso verdadeiro sobre si mesmo e sobre os outros e as noções de desejo, de terapêutica das paixões, de autotransformação, de governo de si e dos outros e de liberdade, remetendo necessariamente, como na filosofia greco-romana, a práticas de vida ou tecnologias de si, ou, como ressalta Nussbaum, práticas especificamente argumentativas.

De acordo com Foucault, o dizer-verdadeiro é constitutivo de práticas por meio das quais os indivíduos foram levados a prestar atenção a si mesmos, a se decifrar, a se reconhecer e se confessar como sujeitos de desejo, estabelecendo uma forma de relação consigo mesmos que lhes permite descobrir, no desejo, a verdade de seu ser (FOUCAULT, 1984, p. 11). Nussbaum (2009, p. 134) ressalta, ao referir-se ao método terapêutico epicurista, apresentado por Filodemo, a grande diferença entre a confissão cristã e o dizer-verdadeiro sobre si mesmo com a ajuda do mestre. Foucault também explicita essa diferença, comparando o procedimento de dever livre de melhorar o outro ou a si mesmo, próprio da *parrhesia*, e a confissão à força; nessa comparação opõe a franqueza, o ato discursivo, o verdadeiro, o risco de morte, o criticismo e o dever moral, próprios do dizer-verdadeiro, à persuasão, à falsidade, à segurança, à lisonja e à apatia moral da confissão.

Para Hadot, a *parrhesia* faz parte das práticas que especificam o ato filosófico situado não apenas na ordem do conhecimento, mas na ordem do si e do ser, pois são uma pragmática, um exercitar-se a viver, consciente e livremente, ultrapassando os limites da individualidade e do desejo daquilo que não depende de nós e que nos escapa, para se voltar apenas àquilo que depende de nós, por meio de ações, conforme à razão (HADOT, 2002, p. 33). Na visão de Nussbaum (2009, p. 5), a *parrhesia* constitui uma arte de vida que funciona por meio de práticas complexas baseadas em argumentos sólidos e válidos comprometidos com a verdade, combinando lógica e compaixão. Elas integram argumentos terapêuticos em uma filosofia de modelo médico dirigida para o desejo e a emoção.

No escopo deste recorte, apesar de sua indiscutível relevância ética, política e filosófica, a abordagem da *parrhesia* assume diferentes proporções na obra desses três pensadores, encontrando-se de modo mais ou menos concentrado e explicitado. Enquanto Hadot dilui o tema da *parrhesia* ao longo de suas análises endereçadas àquilo que denomina exercícios espirituais (HADOT, 1997, 2002), Nussbaum o submete à questão da terapêutica epicurista, fundamental para seu projeto de uma teoria da emoção fundada no pensamento helenístico, particularmente no estoicismo e, nesse caso, aparece como uma técnica argumentativa radical e eficaz na transformação dos indivíduos, ao atuar diretamente sobre os desejos, por meio da eliminação de preconceitos responsáveis por um desequilíbrio na economia dos desejos – nesse caso, o tema é concentrado em um capítulo dedicado à acepção de método terapêutico cirúrgico, investigado a partir de sua descrição em *Peri Orges* e *Peri Parrhesia* de Filodemo (NUSSBAUM, 2009, p. 102-139).

Já Foucault dedica-se, em seus últimos cursos (FOUCAULT, 2004, 2008, 2009), a uma longa e complexa investigação sobre a *parrhesia*, considerando-a central para o desenvolvimento de algo que ele afirma ter sempre objetivado (FOUCAULT, 2009, p. 10): estabelecer uma articulação entre modos de veridicção, técnicas de governamentalidade e práticas de si. Se Foucault se interessa e aprofunda detalhadamente esse estudo, é porque essa noção é de origem fundamentalmente política, enraizada na problematização da democracia, estendendo-se à esfera

da ética pessoal e da constituição do sujeito moral. É uma noção que permite reforçar, no estabelecimento de relações entre verdade, poder e sujeito, o triplo deslocamento teórico de sua obra, a saber, do tema do conhecimento para o da veridicção, do tema da dominação para o da governamentalidade, do tema do indivíduo para o das práticas de si.

Foucault explicita a importância histórica e a singularidade, na cultura ocidental, da figura prescritiva das práticas de si que operam um retorno a si como forma de resistência a ser privilegiada. Ao afirmar a importância de uma ética do si, ele considera que talvez haja certa impossibilidade de a estabelecer. Contudo, essa talvez seja “uma tarefa urgente, fundamental, politicamente indispensável, se for verdade que, afinal, não há outro ponto, primeiro e último, de resistência ao poder político senão na relação de si para consigo” (FOUCAULT, 2004, p. 306). Ao se dirigir ao problema da relação do sujeito consigo mesmo, com os outros e com a verdade, Foucault analisa modos de problematizar a autoformação do sujeito e sua permanente autotransformação nas escolas da Antiguidade greco-romana, referindo-se à questão do poder como campo estratégico de relações móveis e transformáveis, domínio que analisa como o do governo de si e governo dos outros.

Trata-se da análise de uma relação que não se reduz à consciência de si, mas se centraliza no projeto de constituição de si como experiência, como sujeito moral; nessa experiência, o indivíduo circunscreve a parte dele mesmo que constitui o objeto de sua prática moral, define sua posição em relação ao preceito que respeita, estabelece para si um modo de ser que valerá como realização moral de si mesmo.

Essa constituição de si envolve inúmeras atividades, tarefas práticas, exercícios que compõem uma experiência na prática e nos pensamentos pedagógicos, filosóficos, médicos e morais. Por exemplo, exame de consciência, cuidados do corpo, regimes de saúde, exercícios físicos sem excesso, satisfação tão comedida quanto possível, meditações, leituras, anotações de conversas ou de livros a serem relidos em seguida, rememoração das verdades que já se sabem para delas melhor apropriar-se, conversas com um confidente, correspondência em que se expõe o estado de sua alma, solicitação de conselhos. Trata-se, portanto, de todo um conjunto de atividades da palavra e da escrita

em que se ligam o trabalho de si sobre si e a comunicação com outro (FOUCAULT, 1984, p. 57), que são práticas, ao mesmo tempo individuais e sociais, desenvolvidas nas grandes escolas filosóficas helenísticas. Nesse conjunto, o dizer-verdadeiro sobre si mesmo e sobre os outros é de fundamental importância.

Aí, sem dúvida, o conhecimento de si ocupa um lugar considerável. Entretanto, para Foucault, sua finalidade não é a renúncia de si, como no pensamento do cristianismo, mas a aquisição de uma virtude que permitiria a constituição de uma soberania, de uma forma de medida e da confirmação da independência quanto a tudo aquilo que não é indispensável nem essencial. O trabalho do pensamento sobre si mesmo tem o papel de filtrar permanentemente as representações, seguindo o princípio daquilo que depende ou não de nós, em que se desvaloriza o que não depende de nós, para a conversão a si e a posse de si.

A definição do trabalho a ser realizado pelo sujeito sobre si mesmo coloca a verdade no centro do problema da constituição do sujeito, apesar de ainda ter, como ponto máximo de elaboração, a soberania do indivíduo. Como mostra Foucault, no desenrolar da Antiguidade greco-romana, essa soberania amplia-se em uma experiência em que a relação a si ganha a forma não apenas de uma dominação, mas de um prazer consigo, sereno, isento de desejo e de perturbação.

## **Cuidado de si**

Assim colocada, a questão da *parrhesia* diz respeito diretamente ao problema do cuidado de si contemporaneamente pesquisado, de acordo com uma intenção de definir a filosofia, ora como estilo de vida e não apenas como posse da habilidade argumentativa com vistas à descoberta da verdade, como se pode observar em Foucault e em Hadot; ora como artes de vida essencialmente fundadas nas práticas da argumentação, como em Nussbaum. Em ambos os casos se discute a ética, desvinculando-a dos tradicionais problemas morais. No meu entender, é um importante debate ainda em aberto.

Minha proposta de análise desse problema consiste na busca e no estabelecimento de uma complementaridade, no pensamento contemporâneo, entre diversas noções como tecnologias ou técnicas de si, cultura de si, exercícios espirituais e artes de vida, conferindo certa forma de unidade à dispersão das práticas discursivas refletidas que o termo cuidado de si hoje comporta. Nesse sentido, cumpre esclarecer que se trata de analisar diversas formas ético-filosóficas de elaborar a questão do cuidado de si, nome por mim utilizado para designar um conjunto nocional, que liga a concepção de sujeito ético ativo às de verdade e de liberdade política.

Há diferenças entre tais noções, não só na medida em que são cunhadas com diferentes objetivos e metodologias, mas também na medida em que correspondem a diferentes modos de valoração e de concepção do que é fazer filosofia e como usar esse fazer. Entretanto, há sem dúvida nessa pluralidade de noções, conceitos e categorias, elementos que permitem reuni-las sob essa mesma designação de cuidado de si, do qual a *parrhesia* é uma das formas fundamentais.

Os elementos a que me refiro são:

- 1) a ênfase na pesquisa da historicidade do pensamento em sua relação com a preocupação com as questões “o que é filosofia?”, “o que é a atualidade?”, elaboradas em termos de atitude de vida e de constituição de um sujeito com capacidade de resistência;
- 2) a inspiração, por parte dos filósofos contemporâneos acima citados, no pensamento ético-filosófico da Antiguidade clássica, compreendido entre o século V a.C. e os dois primeiros séculos da era cristã. Inspiração voltada para reflexões alicerçadas em certas formas de história do pensamento, estabelecendo uma reabilitação desse pensamento;
- 3) a presença recorrente, nessas pesquisas, das noções gregas de *tekhnê tou biou* ou *biou tekhnê* (artes da vida, tecnologias de vida), *epimeleia heautou* (cuidado de si), *gnôti seauton* (conhece-te a ti mesmo), *askesis* (acese), *terapeuiein* (terapêutica);
- 4) a relevância atribuída à analogia clássica entre o pensamento filosófico e o médico, a saber, ao caráter terapêutico da filosofia

greco-romana, explicitado por Hadot, Foucault e Nussbaum. Analogia que não se dá apenas pelo uso do discurso médico, suas metáforas e suas noções centrais pela filosofia, mas também pela própria ideia de que a filosofia é ela mesma terapêutica. Como ressalta Nussbaum, em consonância com o pensamento helenístico, é a terapia por excelência.

Considero possível traçar, por meio de análise crítica, uma configuração da atual preocupação filosófica com o cuidado de si em sua ligação com o dizer-verdadeiro, em seu caráter de historicidade, por meio de uma reproblemática de uma perspectiva filosófica contemporânea – elaborada por diferentes filósofos, ainda que com aspectos contraditórios entre si, mas com muitas aproximações possíveis – que reativa, hoje, modos de pensar e de investigar o si e a vida, próprios de um sistema de pensamento pouco valorizado, até finais do século XX, pelos filósofos e historiadores da filosofia ocidental.

### **Exercícios espirituais**

Hadot, a quem Foucault agradece em seus últimos trabalhos, volta-se para a questão ética da autoformação do sujeito na Antiguidade (HADOT, 1997, 2002). Para ele, filosofia é exercício espiritual. Não se trata das meditações piedosas e rígidas de Loyola, que são apenas um eco, muito deformado, da tradição antiga, mas desse trabalho de si sobre si, que já se esboça nos primeiros filósofos gregos e ganha toda sua amplitude com o diálogo socrático e platônico, das *Cartas* de Epicuro ou de Sêneca, o *Manual* de Epíteto, dos *Pensamentos* de Marco Aurélio, dos tratados de Plotino que alguns modernos, como Montaigne, Descartes, Kant, Bergson e Foucault, continuaram a praticar.

O conceito de exercícios espirituais é cunhado por Hadot levando em consideração a ideia de que o pensamento é uma matéria a ser modificada. Contudo, a palavra pensamento não indica, de modo claro, que a imaginação e a sensibilidade intervêm de maneira muito importante nesses exercícios. Pela mesma razão, também não é suficiente a

ideia de exercícios intelectuais, apesar de esses exercícios terem o caráter intelectual de trabalho de raciocínio, divisão, definição, leitura, pesquisa, amplificação retórica, cujo papel é muito relevante nessas atividades. Há também os exercícios éticos, expressão sedutora segundo Hadot, na medida em que contribuem fortemente para uma terapia das paixões e se relacionam à conduta da vida; contudo, também seria um ponto de vista muito limitado, pois esses exercícios são a obra não apenas do pensamento, mas de todo o psiquismo do indivíduo e, sobretudo, de sua dimensão de elevação à vida do Espírito Objetivo, na perspectiva do Todo.

O ato filosófico corresponde a um progresso que nos torna melhores: é uma conversão que transforma toda a vida, mudando o ser daquele que a alcança. Ele permite passar de um estilo de vida obscurecido pelo inconsciente e marcado pela preocupação a um estado de vida autêntico, no qual o homem atingiria a consciência de si, a visão exata do mundo, a paz e a liberdade interiores.

Apesar de suas diferenças, para todas as escolas filosóficas a principal causa de sofrimento, desordem e inconsciência do homem são as paixões, explica Hadot. Nesse sentido, a filosofia será, primeiramente, uma terapêutica das paixões; cada escola tem seu método terapêutico próprio, mas todas ligam-no a uma transformação profunda da maneira de ver e de ser do indivíduo. O papel dos exercícios é justamente operar, pouco a pouco, uma transformação interior difícil de se alcançar.

Ao colocar a filosofia na perspectiva de uma atitude fundada na prática dos exercícios espirituais, Hadot faz ver que a filosofia aparece, em seu aspecto original, não como uma construção teórica, mas como um método de formação para uma nova maneira de viver e ver o mundo, como um esforço de autotransformação. Em sua opinião, os historiadores contemporâneos da filosofia não dão atenção a esse aspecto essencial, porque eles a consideram como um procedimento puramente teórico e abstrato, de acordo com uma concepção herdada da Idade Média e da Modernidade. Para Hadot, é somente com Nietzsche, Bergson e o existencialismo que a filosofia volta a ser considerada uma atitude concreta, concepção abandonada com a absorção da filosofia pelo cristianismo.

## Argumento terapêutico

Esse tipo de investigação, como ressalta Nussbaum, em *The therapy of desire: theory and practice in hellenistic ethics* (1994), até recentemente, na Europa e nos EUA – e eu acrescentaria no Brasil – mostra que a filosofia fez menos uso da ética do helenismo do que deveria. No Brasil, há enorme escassez de literatura sobre essa questão e a pouca bibliografia aqui produzida a esse respeito está vinculada às interpretações ou aos usos da obra de Michel Foucault.

Nussbaum cita dívidas a essa tradição não só por parte dos vários tipos de pensamento cristão, como por parte dos pensadores modernos, como Descartes, Espinoza, Kant, Adam Smith, Hume, Nietzsche, Marx. Os exemplos por ela fornecidos: o tema da ira divina e do perdão dos cristãos como resultante do estoicismo romano; a correspondência entre Descartes e Elizabeth sobre as paixões, devedora de Sêneca; a dívida de Espinoza à teoria estoica das paixões; a teoria moral dos sentimentos de Smith, que se funda no modelo estoico; a noção de piedade em Rousseau, que se deve ao debate entre os estoicos e Aristóteles; o tema da piedade em Kant, baseada no estoicismo; e, em Nietzsche, e sua dívida a Epíteto e Sêneca.

De acordo com Nussbaum, o estudo do pensamento ético helenístico, no entanto, tem-se consolidado e já apresenta um importante material de reconstrução filosófica, edição e tradução, de modo a promover apreciação renovada do tema. Dentre os diversos investigadores por ela mencionados, encontram-se Hadot e Foucault (NUSSBAUM, 2009, p. 9). Foucault seria a seu ver o mais conhecido (NUSSBAUM, 1994, p. 5), mas muito problemático. Isso porque, para ele, a relação com as práticas de si, segundo Nussbaum, não são exclusividade dos filósofos, uma vez que não se restringem às práticas de argumentação, à razão, ao campo epistemológico. Assim, também ocorreriam, na Antiguidade, nos movimentos religiosos e místicos de vários tipos, que fornecem uma arte de vida não necessariamente filosófica.

O que distinguiria a contribuição dos filósofos é a afirmação de que a filosofia, e nada mais, é a arte de que precisamos. Nussbaum ressalta, nessa tradição clássica, a busca da validade lógica, da coerência

intelectual e da verdade, como meio de gerar uma liberdade ante a tirania dos costumes e da convenção; meio que permitiu a Sêneca, Epicuro, entre outros, criarem comunidades de seres que podem cuidar da própria história de vida e do próprio pensamento.

Nussbaum considera questionável se Foucault seria capaz sequer de admitir a possibilidade de comunidades livres, uma vez que ele considera conhecimento e argumento como ferramentas de poder. Essa crítica se deve a incompreensões fundamentais quanto à concepção foucaultiana de poder. De qualquer modo, para ela, Foucault fracassa em seu recuo histórico ao período greco-romano. Foucault não prioriza em seu trabalho o comprometimento fundamental da filosofia com a razão; aspecto fundamental para Nussbaum, por separar as técnicas filosóficas de si das técnicas de si não filosóficas; justamente esse comprometimento conferiria à filosofia sua especificidade.

Pode-se, assim, já vislumbrar fortes dissonâncias não só entre o modo de pensar de Nussbaum e o de Foucault, como também entre esse último e o de Hadot. Pode-se aprofundar tais dissonâncias, de modo geral, ressaltando algumas hipóteses apresentadas por Foucault. Em primeiro lugar, conforme Foucault demonstra em *A hermenêutica do sujeito* (2004):

- 1) na filosofia da Antiguidade, como aparece no diálogo de Sócrates com Alcibíades, a noção do cuidado de si e do conhecimento (de si e do mundo) estavam completamente misturados com formas de experiência de formação e autotransformação do sujeito;
- 2) a prova da relação entre sujeito e verdade se estabelecia por meio da correspondência do modo de vida com o discurso de verdade;
- 3) o cuidado de si e o preceito socrático do conhece-te a ti mesmo foram separados pelos historiadores da filosofia e pelos filósofos da tradição ocidental, que priorizaram o caráter do conhecimento e desvalorizaram as práticas do cuidado de si;
- 4) o princípio cartesiano da evidência e da dúvida hiperbólica como fundamento da relação entre sujeito e verdade acentua essa prioridade. A modalidade discursiva da *parrhesia* na modernidade

parece, assim, ter desaparecido para ser absorvida em três modalidades de discurso que a representam – o discurso revolucionário como crítica da sociedade, o discurso filosófico como analítica da finitude e crítica da ordem do saber e da moral e o discurso científico como desdobramento na forma de crítica dos preconceitos, dos saberes existentes, das instituições dominantes, dos modos de fazer.

Em segundo lugar, conforme Foucault afirma em *A propósito da genealogia da ética* (FOUCAULT, 1994) e em *Ética do cuidado de si como prática da liberdade* (FOUCAULT, 1994), não é necessário ligar problemas morais e sistemas de saber teórico-científico daquilo que é o eu, o desejo, o inconsciente, como fazem os atuais movimentos de liberação, na tentativa de elaboração de uma nova moral; dentre as invenções culturais da humanidade há importantes procedimentos, técnicas, ideias, mecanismos da Antiguidade greco-romana. Isso não pode ser exatamente reativado, mas ajuda a constituir um tipo de ponto de vista que pode ser muito útil para analisar e transformar o que se passa em torno de nós hoje.

Tal fato não se restringe à razão, ao conhecimento, a um sistema de representações e argumentos autorreferenciados, mas se liga a uma experiência que é um conjunto de práticas refletidas da liberdade. Essas práticas constituem uma estética da existência, cujo alvo é a vida do indivíduo como autoestilização, a vida como obra de arte; aspecto rejeitado por Hadot, que considera um exagero a ênfase dada por Foucault ao si, e não ao Absoluto, à Totalidade ou ao elemento cósmico. Referindo-se ao problema da dificuldade real da vida moral e do controle de si mesmo, ao analisar *Pensées* de Marco Aurélio, Hadot ressalta seu elogio da sinceridade, sua crítica àqueles que começam a falar dizendo que vão falar francamente, mas não o fazem. Para Marco Aurélio, a verdadeira franqueza está inscrita no rosto, ressoa na voz, brilha nos olhos, pois não é uma qualidade escondida nem corresponde a uma dobra sobre si mesma. “E Marco Aurélio exigia que a ação moral fosse perfeitamente natural, como se fosse inconsciente, sem nenhum retorno sobre si mesma” (HADOT, 1997, p. 460).

As análises de Nussbaum, nas quais o comprometimento com a razão, o argumento e as práticas da argumentação são essenciais, dirigem-se, diferentemente, para a questão da necessidade de se ter pensado, na Antiguidade greco-romana, que o uso da razão seria a técnica por excelência. Somente por meio dela poderíamos ser completamente livres e felizes.

Seu livro, que é, como ela mesma denomina, um relato idiosincrático de certos temas estabelecidos por meio da analogia entre a filosofia e a medicina como artes de vida, investiga exatamente o uso da razão, ou melhor, do argumento. O objetivo dessas artes seria combinar a lógica e a compaixão na busca do afastamento e da liberdade com relação ao sofrimento causado pelas perturbações do indivíduo. A *parrhesia* constitui uma das técnicas fundamentais do argumento terapêutico, que, no pensamento e na prática epicuristas, expressa uma qualidade do médico que conhece a natureza e, em função desse conhecimento, institui a relação médico/paciente ou mestre/discípulo. Falar com *parrhesia*, com liberdade da palavra, consiste em dizer ao enfermo as verdades da natureza que podem mudar o modo de ser do sujeito doente.

*The therapy of desire: theory and practice in hellenistic ethics* (NUSSBAUM, 1994) é um estudo dos argumentos filosóficos em seu contexto histórico e literário, fora do qual Nussbaum considera não ser possível compreender completamente o argumento terapêutico helenístico, especialmente quando se tenta apreender aspectos da vida humana de interesse contínuo para nós. Ela o realiza por meio de uma história da ética, que é uma história não só do conteúdo do argumento, mas também das práticas da argumentação e sua função de mudança pessoal e social.

A partir dessa sua hipótese, ela tenta reconstruir a prática epicurista do argumento terapêutico; examinar as atitudes quanto ao medo, ao amor e à cólera; analisar o poema de Lucrecio e seu caráter terapêutico; e reconstituir a teoria das paixões de Crisipo, bem como a terapia da cólera na tragédia de Sêneca e a retórica de Aristóteles. A seu ver, ao mostrar que o desejo e o pensamento socialmente construídos são deformados, as práticas helenísticas da argumentação dirigem-se às

estruturas sociais. Sua qualidade argumentativa é profunda e sua preocupação é harmoniosa com sua agenda terapêutica.

Nussbaum usa a categoria argumento terapêutico para a análise da estrutura racional dos textos do estoicismo e do epicurismo. Seu objetivo é a elaboração de uma teoria das emoções tomando a antiga teoria estoica como ponto de partida, apontando seus méritos e desenvolvendo-a em uma teoria filosófica mais satisfatória (NUSSBAUM, 2009, p. 12). O ponto de partida de Nussbaum é a questão de por que se pensou que o uso filosófico da razão é a técnica por meio da qual podemos ser livres e verdadeiramente felizes (NUSSBAUM, 1994, p. 6).

De acordo com o epicurismo, todos somos vítimas do medo e das paixões, cujas causas são as falsas crenças sobre o mundo e seus valores. Os objetos de desejo, como riqueza, luxo, poder, amor e vida imortal correspondem a uma demanda insaciável de desejo, causa da miséria humana. Essa demanda é causa da perturbação produzida por desejos que não permitem uma satisfação. Contudo, os mesmos desejos que causam ansiedade, atividade frenética e todo tipo de tensão por insaciabilidade são desejos inteiramente dependentes de falsas crenças, de tal modo que remover a crença retirará efetivamente o desejo. Portanto, o diagnóstico epicurista das perturbações baseia-se no diagnóstico da gênese dos maus desejos – ‘vazios’ – que se diferem dos bons desejos – ‘naturais’. Os desejos da nossa natureza não são excessivos, eles têm um limite dado pela natureza, que é normativa, portanto, efetiva em uma terapêutica das falsas crenças.

Estabelece-se, assim, uma separação entre desejos saudáveis e doentios que interessa para Nussbaum (2009, p. 105), na medida em que influenciará na estrutura do método filosófico de Epicuro. Este se opõe não ao artifício, mas ao excessivo, proveniente do mundo exterior e que nos escraviza. Tal concepção decorre da oposição entre a condição considerada saudável da natureza e o ensinamento social, que é corrupto e se deve às superstições religiosas, causas do medo dos deuses e da morte; às histórias de amor que complicam nosso apetite sexual natural; e às conversas que glorificam a riqueza e o poder (NUSSBAUM, 2009, p. 107).

Segundo a epistemologia de Epicuro, os sentidos são inteiramente confiáveis e todo erro advém da crença. Por essa razão, devem ser consultados, assim como os sentimentos – como na criatura não corrupta (a criança) que é uma parte em nós que pode ser isolada –, para que se faça uma experimentação do pensamento. Trata-se da possibilidade de imaginar um ser humano maduro de quem toda perturbação foi removida, sem impedimento social que justifique o pensamento de que a liberdade da dor e da perturbação que essa criatura busca seja nossa completa felicidade.

Por sermos produtos de nossa sociedade e internalizarmos profundamente medos e desejos, precisamos de uma longa terapia realizada por meio do uso filosófico do raciocínio e do argumento. Um uso tutorado da razão pode ajudar o adulto a evitar as dores da alma e do corpo, por fornecer alimento, bebida, abrigo, tratamento médico, por incentivar amizades que dão suporte, bem como o uso de boas memórias de conversações filosóficas com amigos (NUSSBAUM, 2009, p. 111). Como a falsa crença é a raiz da doença, a arte da cura deve ser uma arte equipada para desafiar e conquistá-la. Deve ser uma arte da razão, usada como ferramenta. Essa arte volta-se, também, às preocupações tradicionais da filosofia, como a natureza, a alma, o valor dos fins. A filosofia é essa arte necessária para a vida virtuosa, a boa vida.

Filodemo compara tipos de argumentos e procedimentos médicos com problemas filósofos, considerando-os análogos aos problemas médicos. Ele explicita a estreita relação entre o *logos* terapêutico e a prática do próprio Epicuro, bem como da comunidade do epicurismo tardio. A questão de Nussbaum (2009, p. 117), então, é como a analogia médica expressa e justifica a atitude específica do argumento filosófico?

Os membros da comunidade são devotados aos valores da amizade e da solidariedade e suspeitam, nesse mundo autossuficiente econômica e espiritualmente, de todas as ligações externas, colocando sob suspeita, sobretudo, a *paideia*. Como ressalta Nussbaum, essa filosofia deve ser compreendida como uma estruturação não apenas da instrução formal, mas da totalidade de um modo de vida alternativo. Talvez seja essa a sua maior diferença com relação à prática aristotélica, uma

vez que Aristóteles não necessita fornecer uma nova comunidade para seus discípulos, pois assume uma relativa saúde da sociedade.

Os argumentos terapêuticos epicuristas descritos por Filodemo são um “franco criticismo” (NUSSBAUM, 2009, p. 118). Seu objetivo é causar a vida boa. Os argumentos são úteis e ajudarão continuamente o discípulo. Filodemo fala do problema da alteração, pelo discípulo, da concepção de quais desejos são bons, quais são os mais profundamente enraizados, portanto, mais difíceis de serem alterados, e qual argumento é capaz de conduzir à *eudaimonia* – ele deixa claro que esse problema é muito discutido e sobre ele não há consenso.

Especialmente no início do tratamento, o discípulo recusará admitir que seus desejos são vazios, realmente maus e conseqüentemente não se disporá a aceitar o processo do argumento terapêutico como um melhoramento de sua condição de vida. Filodemo ressalta que é essencial que o mestre faça, logo no estágio inicial, aquilo que um médico faz quando o doente recusa conhecer a gravidade de sua doença física. Em linguagem amedrontadora e inegavelmente clara, faz o paciente ver o perigo e a enormidade de sua má condição, causando grande comoção. A partir daí, será possível realizar o tratamento. Não se trata, contudo, de fazer uma investigação – ao modo aristotélico –, mas de ser convertido.

Terapia, argumentação epicurista e processo cirúrgico se associam quando a verdade precisa ser dita de forma dura, de modo a fazer vacilar as bases ocultas que tornavam o discípulo resistente ao reconhecimento dessa verdade. A *parrhesia* é aquilo que Nussbaum denomina, a partir de *Peri Parrhesias* de Filodemo, de cirurgia epicurista – procedimento considerado muito invasivo em razão de seu caráter de exposição pública das fraquezas e dos maus pensamentos dos indivíduos a ele submetidos.

Alguns discípulos precisam de argumentos mais suaves, outros mais amargos. A terapia pode tanto ser feita, até certo ponto, por meio de um discurso moderado quanto necessitar de um argumento mais amargo, de um dizer-verdadeiro, um criticismo devastador, repetido inúmeras vezes. O mestre saberá o momento certo (*kayrós*) para o remédio apropriado, mesmo que seja um argumento cirúrgico.

## Conclusão

Apesar das importantes diferenças e contraposições entre os pensamentos de Foucault, Hadot e Nussbaum, pode-se estabelecer um eixo temático que delimita, por meio da questão da *parrhesia*, uma complementaridade que permite traçar uma preocupação contemporânea com o cuidado de si. Aí, o tema do dizer-verdadeiro apresenta variações de amplitude que podem ser atribuídas às escolhas de método e aos objetivos de cada uma das pesquisas enfocadas. Para a delimitação do campo constituído por essa preocupação, os pensamentos de Nussbaum e Foucault são muito importantes na medida em que abordam o dizer-verdadeiro de formas diferentes, de modo a permitir traçar esse campo fazendo-o percorrer o espaço que vai da questão do contrapoder, da resistência, do governo de si e dos outros até a questão do argumento terapêutico.

Por um lado, a pesquisa de Nussbaum, que dedica muitas páginas a esse tema, se dirige ao dizer-verdadeiro como uma das artes de vida, em que se enfatiza o papel das emoções para o esclarecimento de questões de importância ética, cuja base é a hipótese da possibilidade da afirmação de uma função cognitiva das emoções. É a partir dessa hipótese que ela analisa o pensamento ético e político das três escolas helenísticas – a dos epicuristas, a dos cétricos e a dos estoicos. De acordo com Nussbaum, a concepção estoica de emoção, se apropriadamente modificada, pode fundamentar uma explicação filosófica contemporânea das emoções. As artes de vida são essencialmente fundadas nas práticas de argumentação com vistas ao uso da verdade em uma terapêutica da vida e do desejo, tendo como guia central o compromisso com a razão. O objetivo dessas artes é combinar a lógica e a compaixão na busca do afastamento e da liberdade com relação ao sofrimento causado pelas perturbações do indivíduo.

Por outro lado, ao considerar a *parrhesia* como uma das técnicas fundamentais das práticas de si na Antiguidade, Foucault, em seu pensamento tardio, a conceitua, busca sua genealogia política na democracia, a situa como base para uma crítica da forma moderna de relação entre verdade, poder e sujeito, entre discurso e prática. Para tanto, especifica retrospectivamente a trajetória de sua própria obra,

seus deslocamentos teóricos em relação ao pensamento contemporâneo. Sem dúvida, Foucault abre, talvez em toda sua amplitude, um campo de investigação da filosofia antiga, que, em um aparente paradoxo, apenas começa a se esboçar.

## Referências

FOUCAULT, M. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Tradução de Maria Theresa da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, M. On the genealogy of ethics: an overview of work in progress (a propos de la généalogie de l'éthique: un aperçu du travail en cours). In: DÉFERT, D.; EWALD, F. (Ed.). **Dits et écrits IV**. Paris: Gallimard, 1994. p. 609-631.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, M. **Le gouvernement de soi et des autres**. Cours au Collège de France, 1982-1983. Paris: Gallimard;Seuil, 2008.

FOUCAULT, M. **Le courage de la vérité**. Le gouvernement de soi et des autres II. Cours au Collège de France, 1984. Paris: Gallimard;Seuil, 2009.

HADOT, P. **Introduction aux 'Pensées' de Marc Aurèle**. La citadelle intérieur. Paris: Fayard, 1997.

HADOT, P. **Exercices spirituels et philosophie antique**. Paris: Albin Michel, 2002.

NUSSBAUM, M. **The therapy of desire: theory and practice in hellenistic ethics**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1994.

NUSSBAUM, M. **The therapy of desire: theory and practice in hellenistic ethics**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2009.

Recebido: 30/11/2010

*Received:* 11/30/2010

Aprovado: 22/02/2011

*Approved:* 02/22/2011